

'Debate sobre pai do Real é infantil'

Presidente lembra que paternidade também foi da equipe econômica

Leandra Peres

Enviada especial

• SANTIAGO. O presidente Fernando Henrique Cardoso classificou de infantil a discussão levantada pelo ex-presidente Itamar Franco sobre a paternidade do Plano Real. Em entrevista ao principal jornal chileno, "El Mercurio", o presidente afirmou que as reclamações de Itamar acusando o Governo de estar querendo passar uma borracha sobre os autores do plano não foram feitas a ele, mas à equipe econômica, e que tudo isso seria coisa do passado. Fernando Henrique fez questão de lembrar que, além de contar com a participação dele e de Itamar, o Real foi elaborado com o apoio de uma equipe de economistas, havendo, portanto, mais de dois pais.

— Quem inventou o Real? Não fomos só nós dois. Foi um equipe técnica, da qual participei. Mas quem aceitou o Real foi o povo brasileiro. Por isso creio que a discussão é pouco prática, que é uma questão um pouco infantil. Não discuto quem é o pai do Real — disse.

O presidente disse que, se estivesse querendo passar uma borracha sobre os autores do plano, estaria atingindo a si mesmo, pois foi integrante do Governo Itamar Franco.

— Se ele não tivesse sido presidente e me convidado para ministro da Fazenda, não haveria Real. — disse.

Na entrevista, que ocupou três páginas na edição de domingo, o presidente também disse que a candidatura à reeleição não é um desejo próprio, mas que há muito fatores que são favoráveis à tese e à sua pessoa, por ser capaz de juntar forças para continuar a estabilização da economia. Mas garantiu que o assunto ainda não está decidido, que é algo para mais tarde. O presidente tam-

bém considerou possível o surgimento de um candidato que possa contar com apoio suficiente para levar em frente o programa de estabilização.

Fernando Henrique, que chega a Chile amanhã para participar da reunião do Conselho Econômico do Pacífico, aproveitou para alfinetar o acordo de aliado militar preferencial que os Estados Unidos firmaram com a Argentina e descartou a hipótese de a participação da América Latina no Conselho de Segurança das Nações Unidas ser rotativa.

— Não entendi por que a Argentina quis o acordo, já que me parece desnecessário. Mas se o entendimento do Governo argentino é outro, por que não? Creio que é um gesto simbólico, de prestígio, que não tem correspondência com a prática. Acreditamos que, se as questões não têm alcance prático, não

nos afetam. Então, estamos tranquilos.

Segundo o presidente, um assento rotativo no Conselho de Segurança, proposta apresentada pela Argentina, só enfraqueceria a posição do continente e não valeria a pena nem para o Brasil nem para qualquer outro país. Para evitar um enfrentamento com o principal parceiro no Mercosul, Fernando Henrique garantiu que, se os países da América do Sul preferirem que o representante permanente na ONU seja outro que não o Brasil, este país receberá todo o apoio o Governo brasileiro.

— Se Argentina obtivesse essas condições, seguramente apoiáramos a candidatura. O Brasil se sente muito satisfeito pelo apoio já anunciado de Chile, Peru, Venezuela e Uruguai, o que leva a crer que, se não há um consenso, começa a haver uma tendência — explicou. ■